

## MONAZITA

Numa coisa pelo menos o sr. Augusto Frederico Schmidt tem razão: não é a Orquima que exporta a monazita do Espírito Santo. O negócio é feito de governo para governo. Vi os sacos de areia serem embarcados em caminhão, em Guarapari, com destino a Vitória, de onde em navio partem para Nova York. A porta da usina há um aviso: "Fiscalizada pelo Conselho Nacional de Pesquisa — Proibida a entrada a pessoas estranhas". Um oficial do Exército, que estava ali a serviço creio que do Conselho, vendo-me de máquina fotográfica na mão, na praça, me interpelou dizendo que era proibido tirar fotografias da usina. Não insisti, mesmo porque já batera duas ou três chapas. Não me interessava ser prêsó como espíão atômico...

Acho natural que as autoridades sejam discretas com relação a um tal assunto. Creio, porém, que se faz um mistério exagerado. Não se dá a menor satisfação à opinião pública; ela é simplesmente desprezada. Isso justifica temores de que estejamos fazendo mau negócio; e toda desconfiança é natural, uma vez que as importantes personalidades civis e militares responsáveis pelo assunto não se dignam a dar qualquer explicação. Em uma praia mais ao sul vi as instalações abandonadas de uma exploração da Fomil (Foot Minérios Industrializados). Disse-me ser uma empresa de Chicago que perdera uma questão judicial há poucos anos e por isso tivera de cessar o trabalho ali. Em Vitória há uma usina que (dizem) trabalha a areia vinda do sul da Bahia, por não ter concessão para explorar a do Espírito Santo.

Ora, se há várias empresas nacionais e estrangeiras às voltas com a monazita, o segredo militar não pode ser tão terrível assim. Se o fôsse, o próprio governo poderia fazer a exploração, que não oferece problemas técnicos muito complicados, pois se trata de uma simples separação de areias. Isso quer dizer que o denso véu de mistério que se lança em torno de tudo o que se refere à monazita é fruto, em grande parte, de simples desprezo pela opinião pública, o que era perfeitamente normal no governo passado, mas hoje não se explica mais.

A oportunidade é boa para o Conselho informar ao público alguma coisa de concreto sobre essas exportações. O terrível, exagerado segredo que se faz só pode ser útil aos comunistas, que fazem a onda nacionalista. Conte-se a história. A menos que ela seja mesmo desagradável e os comunistas tenham razão — o que, afinal de contas, também acontece...

13/2/55

R. B.

235